

Há muito, muito tempo, vivia, numa pequena aldeia, um sacerdote de idade avançada e muito amado pelo povo.

A sua bondade e a sua honestidade causavam imensa alegria àquela gente, que todos os domingos se encaminhava para a igreja.

Novos e velhos assistiam à missa e sentiam conforto no coração pelas maravilhosas palavras, de consolação, que o velho pároco lhes transmitia.

Uma aldeia onde toda a gente era imensamente feliz!

O povo vivia em harmonia com a natureza, trabalhava a terra com amor, e a abundância era sinónimo de bênção.

Fora da aldeia, existia uma pequenina ermida que há muito havia sido esquecida pelas gentes locais.

O pároco sentia remorsos por tal abandono e prometeu a si mesmo que, enquanto houvesse uma única pedra erguida, continuaria a visitar a ermida abandonada.

É que no interior da pequena capela, para além das ninhadas de ratos, de coelhos, raposas, ervas

daninhas e variadíssimos insetos, jazia uma velha imagem de madeira, já muito tosca e desfigurada, que representava a figura de um anjo.

Talvez fosse uma peça rara e até ele, um homem sábio em matéria de Teologia, desconhecia de que anjo se tratava.

Recordou que ao ter chegado àquela pequena aldeia, já lá iam 56 anos, a ermida já ali existia e o pároco que tinha falecido antes da sua chegada deixara-lhe uma mensagem escrita ficando ao corrente da vivência do modesto povo.

Mas sobre a pequena ermida, nada havia deixado escrito e o povo, por incrível que fosse, também de nada sabia.

Por quem foi construída, a que propósito...
Absolutamente nada!

Estando a ermida deveras danificada devido às fortes intempéries, e a invernada do ano ser duradoura e violenta, o pároco, quando o tempo amainava, lá se metia a caminho para mais uma visita; levando consigo algumas velas e um pequeno farnel, passando no interior da ermida doces bocadinhos do seu tempo: ora lendo ou rezando, ora contemplando de modo sonhador a simples figura de madeira muito antiga e tosca que

parecia não ter qualquer valor...

Uma imagem pintada com túnica vermelha e detalhes dourados nas mangas e no colarinho.

Tinha um semblante meigo, parecendo contemplar a abóbada esburacada da ermida, e o olhar sereno parecia ganhar vida.

Uma das suas asas estava quebrada na extremidade e os delicados pés, apoiados numa base de madeira onde se podia ler com alguma dificuldade a palavra “Mala’k”, cujo significado o padre durante muito tempo não conseguiu deduzir. Só depois de muito investigar descobriu finalmente que era uma palavra hebraica, que significa *Mensageiro*.

«- Mensageiro! Mas... mensageiro de quê e de quem?» – Questionava-se ele.

Seria o Batista das Escrituras? Um profeta? Ou seria o Messias?

Às suas perguntas, apenas o silêncio respondia.

Os anos foram passando e o velho pároco sentia-se cada vez mais vulnerável, e incapacitado, para cumprir com os seus deveres.

As frágeis pernas, já bastante trémulas, dificultavam-lhe o andar deixando-o triste e irritado.

Quanto à jovem guerreira de alma livre e coração puro, cansada de tristezas, das crueldades e ódios vingativos provocados pela maliciosa irmã, também ela desejou conquistar o coração do príncipe através do verdadeiro amor; do sonho de poder vir um dia a ser feliz ao ponto de entregar a sua própria vida em prol do sentimento.

O povo fiel a quem o poderoso fidalgo sempre abriu o coração juntou-se à generosa guerreira, sabendo que esta seria com toda a certeza a salvação do reino, pois que as suas virtudes e a sua benevolência conquistaram a população na esperança de um reino próspero.

Formou assim um enorme e corajoso exército num desejo ardente em aniquilar o Mal.

Quanto à maquiavélica gémea de vil temperamento, chamou para o seu exército todos os malfeitores, assassinos, ladrões, conspiradores e cavaleiros errantes temidos e indesejados por todo o reino. Um perigoso exército pronto a matar em prol do ódio e da crueldade.

Vagueando por terras distantes e sem destino, o jovem príncipe enfrenta as consequências do rumo perdido.

Procura um coração que não lhe pertence, mas que deseja ardentemente descobrir para aniquilar de vez a sua profunda tristeza e solidão.

Vive na esperança de encontrar a gémea bela, inocente e de bom coração. Aquela de quem os “cavaleiros do vento” lhe falaram.

Por outro lado teme conhecer a gémea má, pois que não é de sua vontade ter como pretendente uma pessoa falsa, perigosa e de mau feitio.

Passaram-se dias e noites de grande amargura.

O cansaço e a fraqueza acabaram por vencer o jovem príncipe que, por sorte, foi salvo por um pequeno grupo de cavaleiros que naquele final de tarde passou em demanda de viandantes corajosos.

Vendo que a infeliz criatura não se tratava de um simples errante ou pedinte, pois que a sua aparência, embora abatido, indicava ser uma personalidade nobre e da realeza, os rudes cavaleiros levaram o príncipe com todos os cuidados para o povoado onde se encontra a chefe guerreira de má índole.

Logo se descobriu que aquele debilitado, que aos olhos da guerreira má é dotado da mais pura